

O ALIENAMENTO DISCURSIVO DO SUJEITO FEMININO

Edvânia Martins Lopes¹

Resumo: Este artigo pretende analisar o discurso da personagem Laura, protagonista do conto “A imitação da rosa” da escritora Clarice Lispector. Nossa análise terá como objetivo entender o comportamento de uma mulher que se assujeita às relações de poder historicamente materializadas e que desfavorecem o feminino nas relações matrimoniais. Para compreendermos a elaboração do discurso da personagem em seu contexto social, utilizaremos a teoria de Bakhtin (2006) sobre como acontece “A interação verbal” no contexto discursivo. Como Laura é portadora de um distúrbio psíquico, recorreremos a Foucault (2009) para entendermos como o doente mental é visto pela sociedade. As teorias de Schneider (2000) e Engel (2007) serão utilizadas para refletirmos sobre a “naturalização” dos distúrbios mentais femininos. Os estudos de Beauvoir (1967) serão úteis na análise que faremos sobre o casamento como “destino” natural da mulher. As teorias de Andrade (2004) subsidiarão as análises sobre as relações de poder que se instauram no matrimônio.

Palavras-chave: Discurso. Distúrbio feminino. Relações de poder.

DISCURSIVE ALIENATION OF THE FEMALE SUBJECT

Abstract: This article analyzes the discourse of character Laura, tale of the protagonist “Imitation rose” the writer Clarice Lispector. Our analysis will aim to understand the behavior of a woman who assujeita power relations historically materialized and that the

¹ Mestranda em Estudos do Texto e do Discurso pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Pau dos Ferros — RN — Brasil. Endereço eletrônico: edvaniamartins2010@gmail.com.

female disadvantage in marital relations. To understand the development of the character of the speech in its social context, we will use the theory of Bakhtin (2006) as it does on “Verbal interaction” in the discursive context. As Laura carries a psychic disturbance, we resort to Foucault (2009) to understand how the mentally ill is seen by society. Theories of Schneider (2000) and Engel (2007) will be used to reflect on the “naturalization” of women's mental disorders. Studies de Beauvoir (1967) will be useful in analyzing what we will do about the wedding as “destination” natural woman. Theories de Andrade (2004) subsidize the analysis of power relations that are established in marriage.

Keywords: Discourse. Female disorder. Power relations.

Introdução

O conto “A imitação da rosa” (1998) da escritora Clarice Lispector traz como protagonista uma mulher aos moldes da tradicional postura patriarcal, um sujeito afeito à rotina doméstica, que se dedica integralmente a cuidar da casa e do marido. No decorrer da narrativa, Laura, em sua opacidade, elege o tom marrom como a cor de seus vestidos e procura sempre se portar de uma maneira muito sóbria e “castanha”, pois acreditava que assim deveria proceder as mulheres casadas:

Interrompendo a arrumação da penteadeira, Laura olhou-se ao espelho: e ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás da orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher (LISPECTOR, 1988, p. 23).

Percebemos no comportamento da personagem uma harmonia com o ambiente doméstico, pois ela se sente feliz por fatigar-se com seus afazeres como ir à feira ou passar as camisas do marido Armando. Ser apenas esposa era sua preocupação primeira, por isso ela procurava sempre se vestir com sobriedade e sem excessos, elegendo uma tonalidade escura para representar sua imagem de mulher casada.

Segundo Chevalier & Gheerbrant (1986, p. 803), “el marrón es ante todo el color de la gleba, de la arcilla, del suelo terrestre. Recuerda también la hoja muerta, el otoño, la tristeza. Es la degradación y el mal casamiento de los colores puros.” Partindo dessa simbologia da cor marrom, entendemos que a protagonista não poderia mesmo eleger outra cor para suas vestimentas, afinal se percebemos em seu comportamento uma perfeita integração ao ambiente doméstico, percebemos também uma ausência de felicidade na rotina que a personagem vive. Ela é apenas uma mulher casada que executa de forma quase mecânica suas obrigações de esposa, procurando sempre se ocupar dos cuidados com o lar para esquecer de si mesma enquanto mulher que existia além dos deveres domésticos.

A afeição de Laura pela rotina e sua constante mania de planejar em minúcias as tarefas a serem executadas, causavam-lhe um estado de excitação que culminou em um distúrbio que lhe custou uma internação. Durante o tempo que ficou internada, Laura em vez de se preocupar com ela mesma, apieda-se do marido por ter que vê-la naquele estado, sua preocupação sempre fora em não ser um transtorno na vida de Armando, em não causar vexame aos outros, assim, ao retornar do hospital, Laura tenta apagar as lembranças da doença e esforça-se para levar uma vida normal de mulher casada subserviente ao marido. Já no início do conto, fica evidente a preocupação de Laura em apresentar ao marido um lar perfeito e arrumado e ela também arrumada à espera

dele para retomarem a rotina de saírem para jantar com um casal de amigos: “Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

A escolha do verbo “atender” já denota bem qual a função de Laura no contexto do casamento. Como mulher que não trabalhava fora, sua profissão era ser apenas dona de casa, bem à cultura do patriarcado, ela deveria zelar pelo bom funcionamento interno do lar, enquanto o marido seria o responsável por trabalhar para manter as despesas. Essa relação polarizada em que o masculino devia ocupar o espaço público e o feminino, restringir-se ao ambiente privado foi culturalmente instituída na sociedade. Dessa forma, o homem deveria tornar-se o mantenedor do lar; por lhe ser atribuída função mais importante, caberia a ele também desfrutar de mais respeito nesse contexto marcado pelas relações de gênero. Andrade (2004), analisando o que se convencionou nas relações matrimoniais, argumenta que “Nesta divisão, cabe ao homem suportar as pressões do mundo externo e à mulher trocar sua liberdade pelo conforto do lar, sendo poupada da luta diária pela sobrevivência” (ANDRADE, 2004, p. 84).

As hierarquias baseadas nas questões de gênero datam de tempos muito remotos. Desde a Antiguidade, o sujeito feminino é visto como passivo e inferior. Institui-se, em torno das práticas sociais, discursos que legitimam e naturalizam o poder masculino e essa naturalização é confirmada pelas próprias mulheres. Segundo Andrade (2004), essa relação de desigualdade gera um poder que não é palpável, que não pode ser visto, mas que é exercido socialmente e

concretiza-se numa teia de relações, tênue e resistente como uma teia de aranha. Pouco se vê,

mas pode prender, matar, alimentar quem detém o controle da teia. Porém, diferentemente da teia de aranha, a teia das relações humanas é tecida tanto pelos algozes como pelas vítimas, numa imprevista cumplicidade (ANDRADE, 2004, p. 59).

Andrade ainda afirma que, nessa relação de cumplicidade com o poder masculino, a mulher é poupada das lutas diárias pela sobrevivência, ganha a proteção do homem, mas em troca perde o direito de se realizar plenamente como ser humano; o homem por outro lado se sobrecarrega com a obrigação de sustentar a família. Assim, para a autora “Toda trama de poder, de relacionamento social tem seu peso e sua vantagem para os dois lados” (ANDRADE, 2004, p. 60).

A identidade feminina no casamento tradicional

O casamento, no contexto patriarcal, sempre fora um meio de ascensão social para a mulher, pois só se casando, ela conseguia inserir-se com respeito nesse modelo de sociedade. Há uma hierarquização escondida nessas relações de gênero que destina os papéis de homens e mulheres dentro desse sistema: o homem mantém o poder provendo as necessidades do lar e protegendo a família; a mulher, confinada ao espaço doméstico, possui papel secundário. E os privilégios masculinos em detrimento dos femininos se apresentam como naturais, pois o “destino da mulher” é agir como ser de “segunda ordem”. No imaginário coletivo, o sujeito feminino só se realiza plenamente assumindo seu papel de esposa. Para Beauvoir (1967), a mulher não pode propor a si mesma nada além de uma “vida equilibrada em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isso é precisamente edificar uma felicidade” (BEAUVOIR, 1967, p. 194).

Percebemos na cultura patriarcal distorções na representatividade da mulher, construções sociais pautadas nas

oposições binárias: o corpo feminino destinado ao casamento, ao espaço privado; o masculino à exterioridade, ao espaço público. Simone de Beauvoir nos explica que o corpo do homem é coerente com seu “destino de macho”, não há nenhuma restrição física que o impeça de estar no mundo exterior; o oposto acontece com a mulher já que seu corpo, destinado à procriação, a enclausura no ambiente do lar, impossibilitando-lhe de ser o sujeito das relações sociais. A própria sexualidade feminina, nessa teoria existencialista da autora, é vista como relação de passividade com o sujeito masculino, que a transforma em “coisa”. O processo identitário feminino, centrado nesses preceitos patriarcais, resume-se à subserviência matrimonial.

Podemos dizer que Laura mantém-se sob o domínio patriarcal, cumprindo o que é imposto à mulher dentro desse sistema, pois reclusa na sua ambientação doméstica, vê-se apenas como sendo mulher de Armando, esmera-se para obter êxito em suas funções de esposa e esforça-se para esquecer o transtorno mental que a tirou de seu lar. Após retornar do hospital, a protagonista tenta retomar sua rotina no ambiente doméstico, fingindo que nada aconteceu. O marido e os amigos também optam pelo silenciamento sobre a internação de Laura, como se o silêncio em torno do assunto, apagasse o distúrbio da vida da personagem:

[...] E ela mesma, enfim, voltando à insignificância com reconhecimento. Como um gato que passou a noite fora e, como se nada tivesse acontecido, encontrasse sem uma palavra o pires de leite esperando. As pessoas felizmente ajudavam a fazê-la sentir que agora estava ‘bem’. Sem a fitarem, ajudavam-na ativamente a esquecer, fingindo elas próprias o esquecimento [...] (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Segundo Bakhtin (2006, p. 121), “A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exteri-

or, um território social”. Temos que o “território social” de Laura incutiu nela ideologias em relação ao que é ser mulher casada, como deve proceder uma mulher e qual seu papel na relação conjugal. Em relação à vida matrimonial, Laura mantém uma postura extremamente coerente com a ideologia patriarcal, planejando minuciosamente suas tarefas domésticas, num estado de ansiedade constante para conseguir gerenciar as tarefas da administração do lar, ela não vê felicidade maior do que estar desempenhando suas obrigações domésticas que a fatigam, mas que a deixam com uma sensação de dever cumprido:

Ela, que nunca ambicionara senão ser a mulher de um homem, reencontrava grata sua parte diariamente falível. De olhos fechados suspirou reconhecida. Há quanto tempo não se cansava? Mas agora sentia-se todos os dias quase exausta e passara, por exemplo, as camisas de Armando, sempre gostara de passar a ferro e, sem modéstia, era uma passadeira de mão cheia. E depois ficava exausta como uma recompensa (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Percebemos em Laura o temor pelo o ócio, ela busca sempre fatigar-se com os serviços de casa, tornar-se cansada, pois as tarefas a manteriam ocupada e assim não sobraria tempo para ela pensar em nada além daquele rol de coisas a serem feitas até que Armando voltasse do trabalho. Ela se esforça por manter-se “bem” na execução rotineira de seus afazeres, pois teme voltar a ser “super-humana”, termo utilizado para descrever seu estado de desequilíbrio. De acordo com Schneider (2000), as pressões que são feitas à mulher no contexto da cultura patriarcal acabam por atingir a identidade do sujeito feminino.

Certamente as imposições decorrentes de definições patriarcais de gênero têm afetado o processo de formação da identidade feminina. [...] O desequilíbrio mental tem sido historicamente apresentado como

um fator quase 'natural' ou como parte da 'essência feminina' dentro da cultura ocidental (SCHNEIDER, 2000, p. 121).

A autora argumenta que obras literárias costumam transformar em patologia a inadaptação feminina aos sistemas impostos na sociedade patriarcal, concebendo os distúrbios com algo comum à natureza das mulheres. Dessa forma, a loucura pode ser vista como um desajuste do sujeito feminino dentro desse sistema. A mulher que não aceita sua posição subalterna em relação ao homem acaba por enlouquecer. Por outro lado, a loucura também pode ser vista como um ato de reagir aos papéis "naturalmente" impostos às mulheres:

A loucura, tal como é apresentada nessas obras, pode representar uma incapacidade da mulher em ajustar-se às definições de 'sanidade feminina' da cultura patriarcal. De acordo com tais padrões culturais, as mulheres deveriam aceitar posições sociais desvalorizadas e conformar-se com sua marginalidade. A loucura feminina pode, portanto, ser encarada como um sintoma, ou como uma resistência ao conflito de identidade imposto às mulheres dentro de grupos regidos pela lei patriarcal (SCHNEIDER, 2000, p. 135).

As concepções que desvalorizam as mulheres são tantas e tão intensas que geram conflitos no processo de identidade desses sujeitos, renegados à marginalidade dentro de um sistema que os concebe de maneira inferior. Instaura-se um jogo de poder na relação matrimonial e a mulher fracassa quando não consegue corresponder às expectativas criadas em torno delas.

Laura apesar de excelente dona de casa, não se percebe plenamente realizada no papel de esposa porque falta-lhe a capacidade de gerar filhos. Assim a "insuficiência ovariana" ocasiona na personagem um sentimento de incapacidade,

afinal a plena realização feminina dentro da cultura do “casamento como destino” pressupõe a maternidade como fator natural para um sujeito feminino que nasceu com essa função. Essa sensação de fracasso é constante na vida dessa personagem: “Por acaso alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que nunca tivera?” (LISPECTOR, 1998, p. 23).

Laura internalizou o discurso do casamento como destino para a mulher a ponto de não se perceber de outra maneira que não fosse desempenhando seu papel de esposa, mas seu ventre seco a faz um ser frustrado, pois ela não pode completar a sua função de esposa, visto que possui a limitação fisiológica, justificada como uma “insuficiência ovariana”. E talvez todo o seu comportamento metódico e ansioso em procurar desempenhar tão bem suas obrigações domésticas seja uma espécie de fuga, posto que ocupando-se e fatigando-se com a casa ela esquece ou finge esquecer a ausência de filhos.

A invalidação do discurso de Laura

Segundo Foucault (2009, p. 10-11), “Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância”. O autor afirma que o “Todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada” (FOUCAULT, 2009, p. 12). Nas ponderações que a personagem Laura faz de suas interações verbais, percebemos o grau de insignificância que ela atribui a seu discurso, ela era consciente do quanto se tornava inconveniente e importunava seus interlocutores. Essa mulher que se atribuía

um papel bastante insignificante na relação conjugal, percebia uma certa nulidade naquilo que falava, afinal seu trans-torno mental fazia com que seu discurso sofresse uma espécie de descrédito. O marido aparentemente a escutava, mas ela sabia que ele não a ouvia realmente, o que ela até entendia, pois julgava ser chato e cansativo ouvi-la:

[...] e se ela era obrigada a tomar cuidado para não importunar os outros com detalhes, com Armando ela às vezes relaxava e era chatinha, o que não tinha importância porque ele fingia que ouvia tudo o que ela lhe contava, o que não a magoava, ela compreendia perfeitamente bem que suas conversas cansavam um pouquinho uma pessoa (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Sobre esse jogo enunciativo que acontece do locutor com o interlocutor, Bakhtin (2006, p. 118) afirma: “A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos de sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor”. Percebemos em Laura uma pressão constante sobre o que e como falar, todas as vezes que a personagem interage discursivamente no seu contexto social ela se preocupa com a forma como suas palavras são postas.

De acordo com Bakhtin, “Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (BAKHTIN, 2006, p. 117). Percebemos essa duplicidade inerente nas palavras de Laura, porque ela vive ponderando o que fala, ou seja, tem consciência do papel do locutor e com quem ela fala, observa seu interlocutor nas relações de interação verbal, que estabelece com o marido, a empregada ou com sua amiga Carlota, desta maneira, na construção de seus enunciados, Laura sempre leva em

conta a alteridade, a presença do outro. Bakhtin (2006) afirma

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento à diferença das unidades significativas da língua — palavras e orações-, que são impessoais, de ninguém a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor (e, respectivamente, expressão do que já falamos) e destinatário (BAKHTIN, 2006, p. 301).

Foucault (2009) em seu livro *A ordem do discurso*, nos fala que as produções discursivas construídas socialmente sofrem um processo de controle, seleção e organização antes de se materializarem. Percebemos que a protagonista, ao empregar suas palavras no contexto discursivo, já previa a insignificância de seu discurso “[...] mas era bom poder lhe contar que não encontrara carne mesmo que Armando balançasse a cabeça e não ouvisse” (LISPERCTOR, 1998, p. 27). Ao analisarmos esse discurso de Laura, percebemos que ela interdita sua voz para não aborrecer seus interlocutores. Sobre o controle que o discurso sofre nas práticas sociais, Foucault nos fala.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2009, p. 9).

A assimilação dos discursos de autoridade

Na tentativa de evitar o estado de ansiedade, Laura recebera ordens do médico para que não ficasse de estômago vazio. Como acreditava na autoridade do discurso médico, ela se esforçava para seguir à risca o que ele lhe determina:

Se o médico dissera: 'Tome leite entre as refeições, nunca fique de estômago vazio pois isso dá ansiedade' — então mesmo sem ameaça de ansiedade, ela tomava sem discutir gole por gole, dia após dia, não falhara nunca, obedecendo de olhos fechados, com um ligeiro ardor para que não pudesse enxergar em si a menor incredulidade (LISPECTOR, 1998, p. 23-24).

Nessa postura de submissão, Laura mantém a prescrição médica, apesar de julgá-la incoerente, afinal a ordem de tomar o copo de leite entre as refeições, mesmo sem sentir fome, ia de encontro à outra na qual o médico dissera: "Abandone-se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir — esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade" (LISPECTOR, 1998, p. 24). Laura crê que uma ordem anula a outra, afinal como ela poderia "tomar o copo de leite" e agir de maneira natural? Para cumprir as duas ordens, Laura tentava fundi-las: "[...] aquele copo de leite ela o levava à sala, onde se sentava 'com muita naturalidade', fingindo falta de interesse, 'não se esforçando', — e assim cumprindo espertamente a segunda ordem" (LISPECTOR, 1988, p. 24). Laura procura, numa pretensa naturalidade, executar uma ordem que lhe soava como uma penitência.

Desta assimilação do discurso médico, podemos constatar o quanto a protagonista se porta de maneira passiva frente ao que os outros a mandam fazer. O esforço para permanecer "bem" justificava a aceitação de ordens mesmo discordando delas e a prescrição para tomar o copo de leite era a sua penitência diária como uma forma de indenizar aqueles com quem convivia. Engel (2007, p. 333) analisando a relação entre feminilidade e problemas psiquiátricos afirma que "Lugar de ambiguidades e espaço por excelência da loucura, o corpo e a sexualidade femininos inspirariam grande temor aos médicos e aos alienistas, constituindo-se em alvo

prioritário das intervenções normalizadora da medicina e da psiquiatria”.

A relação entre o sujeito feminino e as doenças mentais vem sendo estudada por pesquisadoras que tentam descobrir como os aspectos biológicos do corpo da mulher afetam suas representações como seres naturalmente propensos a distúrbios mentais. A respeito desse assunto, Engel destaca que a mulher, no século XIX, é

vista como uma soma desarrazoada de atributos positivos e negativos, cujo resultado nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe; o que garantiria a vitória do bem sobre o mal, da Maria sobre Eva (ENGEL, 2007, p. 332).

Laura não poderia enquadrar-se no papel de esposa exemplar, apesar de todo o modo perfeccionista de conduzir a rotina de tarefas domésticas, visto que não nascera com a capacidade de procriar, “traindo assim a natureza feminina”. Engel (2007) nos confirma isso quando assegura que “Se a mulher estava naturalmente predestinada ao exercício desses papéis, a sua incapacidade e/ou recusa em cumpri-los eram vistas como resultantes da especificidade da sua natureza e, concomitantemente, qualificadas como antinaturais” (ENGEL, 2007, p. 332-333). E foi essa “antinaturalização” ao papel que lhe era imposto que gerou seu distúrbio, exteriorizado através de um comportamento extremamente ansioso. O esforço da personagem para permanecer dentro da normalidade, cuidando do marido e do lar como toda boa dona de casa, desencadeou uma luta constante na busca por adaptar seus sentimentos interiores com aquilo que o ambiente externo lhe exigia.

O retorno do distúrbio causado pela beleza das rosas

O esforço para adequar-se ao papel de uma perfeita mulher dentro dos padrões tradicionais não foi suficiente para manter sua saúde mental e a presença de um jarro de flores na sala de estar desencadeia o retorno da doença. A presença de “miúdas rosas silvestres que ela comprara de manhã na feira, em parte porque o homem insistira tanto, em parte por ousadia” (LISPECTOR, 1998, p. 28) quebra a impessoalidade de sua casa e a coloca em profundo estado de contemplação da incômoda beleza daquelas rosas: “E também porque a beleza extrema incomodava. Incomodava? Era um risco. Oh, não, por que risco? Apenas incomodava, era uma advertência, oh não, por que advertência? Maria daria as rosas a Carlota” (LISPECTOR, 1988, p. 29).

Mas o impulso de dá-las também a desequilibrou, afinal ela nunca possuía nada e ainda mais nada tão belo. A indecisão sobre ficar com as rosas ou se desfazer delas, ocasionou o retorno do desequilíbrio em Laura. Ao passo que queria doá-las e desfrutar da boa imagem que essa ação causaria, também queria possuí-las como propriedade sua. Possuir a beleza, a tranquilidade perfeita, a luminosidade das rosas se torna tentador para Laura, afinal essas são características que lhe faltam ou que ela busca com avidez. Por instantes, na hesitação sobre o que deveria fazer, Laura encontra justificativas para ficar com as rosas, contudo caba por mandá-las à amiga Carlota. A inquietação que a presença das rosas lhe causara cresce e ela não consegue mais permanecer na impessoalidade de sua modesta vida castanha. Quando Armando volta do trabalho, não a encontra arrumada com “o vestidinho marrom de golinha creme” — traje usado habitualmente nos passeios do casal, encontra-a sentada no sofá com seu “vestidinho de casa” dizendo-lhe que a doença voltara

Não pude impedir, disse ela, e a derradeira piedade pelo homem estava na sua voz, o último pedido de perdão que já vinha misturado à altivez de uma solidão já quase perfeita. Não pude impedir, repetiu entregando-lhe com alívio a piedade que ela com esforço conseguira guardar até que ele chegasse. Foi por causa das rosas, disse com modéstia (LISPECTOR, 1988, p. 35-36).

Conclusão

A análise desse conto é reveladora da situação da mulher para a cultura do patriarcado, pois a protagonista Laura não rompe com os estereótipos estabelecidos para as mulheres nessa cultura. Esperava-se das mulheres comportamentos de abnegação de sua individualidade em razão de uma vida dedicada ao lar. Assim se instauraram as assimétricas relações de gênero entre Laura e seu esposo Armando.

No decorrer da narrativa, percebe-se uma existência alienada do sujeito feminino ao ambiente doméstico. Sua maneira de se vestir, sua forma de tratar com superioridade o marido confirmam o apagamento a que se submetiam as mulheres no contexto do casamento aos moldes patriarcais. Os papéis naturalmente atribuídos ao feminino pesaram tanto sobre a vida de Laura que ela não pôde suportar a frustração do “ventre seco” e, apesar de ter mascarado o distúrbio na tentativa de apagá-lo de sua precária existência, a pressão externa da não maternidade fez com que seu teatro de perfeita dona de casa ruísse.

Como nos lembra Schneider (2000), as relações sociais são organizadas com base nas diferenças sexuais, por esse motivo a mulher já está fadada à discriminação, à inferiorização, pois culturalmente o sujeito masculino é o paradigma, instaura-se nas relações de gênero discursos que legitimam o poder do homem em detrimento da sujeição da mulher. Lau-

ra reconhece esse poder masculino, afinal sempre se portara de maneira subserviente ao marido e essa postura de serviçãõ era até vista como algo natural. Ela mesma consentia sua insignificância, seu apagamento como sujeito, transformando sua existência numa vivência no e para o lar.

De Joana a Macabéa, as principais personagens de Clarice Lispector estão fora do campo do exercício do poder constituído da sociedade brasileira, o patriarcado. Muitas delas se mostram com dificuldades de interação com a realidade, por despreparo, desamparo ou fragilidade. Várias demonstram dificuldade em adequar sua experiência e seus valores às contingências externas (SCHMIDT, 2003, p. 86).

A dificuldade que Laura sentia em se adequar ao ambiente externo se apresenta tão intensa que ela só encara sozinha o mundo exterior a pretexto de ir à feira ou fazer outra atividade ligada às obrigações domésticas. Em companhia do marido, o exterior se transformava em palco para sua representação, procurando se adequar ao papel de esposa perfeita, que não dá vexame nem constrange o marido. Como preocupação primeira estava o que as pessoas poderiam pensar sobre ela, por isso a mania de perfeição a perseguia tanto a ponto de deixá-la neurótica. Não é de estranhar que essa vida de mulher perfeita ruísse quando ela não mais estivesse envolvida com as tarefas.

Percebemos que Laura se detém à vida doméstica como uma espécie de alienação de si mesma, de sua subjetividade, pois ela só existia enquanto dona de casa, por isso os afazeres a consumiam a tal ponto de ela não se perceber como mulher com autonomia para ser e agir além do espaço doméstico. Esse alienamento proposital a deixava ocupada, assim, ocupando-se com suas obrigações não lhe sobrava tempo para se perceber, para tomar consciência de sua inexistência fora daquilo que ela considerava vida. O simples

fato de contemplar algo exterior a ela pôde despertar sua percepção propensa a invejar e temer a beleza, atributo tão comum às rosas e tão estranho a uma mulher “casatanha” que apaga e anula sua individualidade em nome de sua vivência.

Referências

ANDRADE, Márcia Siqueira de. *Mulheres do século XX: a aprendizagem do feminino*. São Paulo: Memnon, 2004.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin N. Estudos das ideologias e filosofia da linguagem. In: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CHEVALJER J. y GHEERBRANT, A. *Dicionario de los simbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Marly (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 322-361.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rocco, 1998.

SCHMIDT, Rita. *A ficção de Clarice: na fronteira do (im)possível*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2003.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, M. N; IGNÁCIO, A. *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000, p. 119-130.

[Recebido: 15 out. 2014 — Aceito: 30 nov. 2014]